

2.^o
ANO
1904

N.º 63 — LISBOA, 24 DE MARÇO

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quintas-feiras
Toda a correspondencia deve ser
dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA

PREÇO AVULSO 20 RÉIS
Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 86, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 15000 rs.	Brazil, anno 52 numeros..... 25500 rs
Semestre, 26 numeros..... 7500 rs.	Africa e India Portuguesa, anno 15000 rs.
Cobrança pelo correio..... 5100 rs.	Estrangeiro, anno, 52 numeros.. 15800 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre aceitam-se em qualquer data;
tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO

Minerva Peninsular

82, Rua do Norte, 82

IMPRESSÃO

Lythographia Artistica

Rua do Almada, 32 e 34

FIM DE TEMPORADA



ENCERRAMENTO DE S. CARLOS

Tribuna dos interesses sem defeza

Sr. redactor:

A manifestação de segunda-feira passada teve por effeito provar que os interesses que ainda entre nós podem defender-se são os interesses organizados em associação de classe. Ai, porém, d'aquelles que não o estão! Esses estão irremediavelmente perdidos! Taes por exemplo, os nossos.

Sr. Redactor:

Nós não somos commerciantes. Somos apenas contribuintes e, como taes, victimas indefezas do Estado. Pretendem os commerciantes que tambem o são. Não importa! O contribuinte que não é commerciante é duas vezes contribuinte, porque o é do Estado e do commerciante. O Estado impõe-lhes o Tributo; o commerciante — o Lucro. O commerciante, porém, defende-se. A sua defeza é a sua Loja. Existe a solidariedade da loja. Quando o commerciante fecha a loja, o Estado vacilla. No fim de contas, que é isto—fechar a loja? Pouco, nada. Comtudo, esse comesinho acto privado determina uma perturbação nos poderes publicos. O commerciante fecha a loja, suspende o despacho, redige o manifesto, escreve a representação, reúne a assembleia geral, toca a campainha, bebe o copo d'agua, pede a palavra. As leis protegem-n'o, a auctoridade patrocina-o, a policia defende-o.

A nossa defeza, qual é ella? Nul-la. Nós não temos uma loja para fechar e temos o Lar. Se fechássemos o lar, tão somente, nos succederia ficarmos na rua. Além d'isso, um lar fechado não é coisa que tenha significado politico. E', quando muito, uma familia que não está em casa, ou está a banhos. A Loja é solidaria. O Lar não o é. Está associada. O Lar não o está. Tem protecção. O Lar não o tem. O commerciante passa. E' uma classe. Nós somos a Multidão e não passamos nunca. O commerciante reúne e é uma assembleia geral; nós reunimos e é a Revolução.

Sem gremio, sem solidariedade, sem sanção, sem taipaes, estamos assim á mercê.

Nós somos victimas da administração publica, das administrações privadas e de todos os organismos destinados a viverem dos beneficios do Consummo. Somos victimas do beleguim, victimas do proprietario, victimas do padeiro, victimas do agiota, victimas do tendeiro. Pagamos o pão duas vezes mais caro do que a Inglaterra e a França, e o fabrico do pão se é a fortuna dos moageiros é a mais insidiosa mentira da nossa alimentação. Somos envenenados com o pão, o vinho, o leite, o queijo, a manteiga. Não já a nossa bolsa, mas a nossa existencia paga todos os dias um tributo á ganancia de todos os negocios. As nossas casas são inhabitaveis e as nossas rendas uma verdadeira contribuição de guerra. Para nos explorar tudo são monopolios—o do gaz, o da agua, o do bacalhão, o do assucar. Pagamos a vida com a vida.

Todos os interesses associados reclamam.

Reclamam os da Industria, reclamam os do Commercio, reclamam os do Trabalho.

Dos nossos não se fala, porque nós não somos nem a industria, nem o commercio, nem o trabalho, mas tão somente—o Consummo.

Todos os dias se fala em proteger a industria, o commercio, o trabalho.

Quem fala em proteger-nos a nós?

Diriamos no entanto que tornar mais robustas e productivas estas forças da actividade nacional, seria melhorar as condições da nossa existencia e promover a nossa prosperidade.

Erro!

A protecção concedida, por exemplo, á industria, reverte toda em nosso prejuizo. Quanto melhores forem as pautas para a industria, peiores são para nós. Emquanto a industria nacional não poder affrontar o regimen da concorrência, a nossa situação é a de victimas—da Industria. E poderá ella affrontar-o algum dia? Ai de nós! — não o cremos. Assim, fazemos um sacrificio que nem sequer tem a vantagem de ser fecundo.

O Trabalho é igualmente proteccionista. O Protecçãoismo é o inimigo do Consummo.

Profundamente sabemos que estas francas affirmações não diremos já de principios, mas de factos, contrariam o sentimento patriótico.

Cumpre-nos, porém, advertir, sr.

redactor, que não nos inculcamos patriotas, mas tão somente consummadores; e o Consummo, como Israel, não tem patria. A Patria é proteccionista? Embora! Nós somos livres cambistas. Nós não fazemos patriotismo—fazemos *struggle*. Nós não lutamos pela patria—lutamos pela vida. A nossa patria é certamente esta, mas a nossa patria é tambem aquella em que o trigo é mais alvo e mais abundante, o vinho mais quente e mais puro, o ar mais rico, a agua mais crystallina,—aquella em que a natureza é menos avara e o homem menos duro e feroz.

Na nossa patria tudo é para nós abandono, hostilidade, derrota.

Eis porque, sr. redactor, nós entendemos não acompanhar senão com um muito moderado enthusiasmo as manifestações de segunda-feira passada. Essas manifestações são as de uma classe e nós na nossa qualidade de contribuintes obscuros, anonymos, sem bandeira e sem gremio, temos por todas as classes senão a antipathia, a soberba indiferença de todos os *declassés*.

Dos seus sentimentos de equidade, espera, Sr. redactor, a publicação d'estas linhas,

Um grupo de contribuintes.

Por copia

JOÃO RIMANSO.



Gatuno benemerito

Dizem que um senhor gatuno.
Entrado no rol dos sabios,
Buscava tempo opportuno
Para ~~ouber~~ alfarrabios:
Pois que não saia dos labios
Da estupidez a arrogancia...
Este homem de alta importancia
Até roubava com graça,
Livrando os livros da traça
A que os condemna a ignorancia.



É justo

Como se sabe, os alumnos da Escola Polytechnica têm uma tuna, e os do Instituto Industrial têm outra.

A musica offerece-lhes assim uma distracção inoffensiva para as horas de recreio que lhes sobejem do estudo da physica.

Agora falta que os alumnos do Conservatorio arranjem um curso de physica recreativa para as horas de ocio que lhes deixe a musica.

Mangar com a tropa

Zé, se não 'stás a cair,
Mas entre as dez e entre as onze,
Faz da garganta sair
Piada que faça rir
O proprio D. Zé de bronze!

Disse o potente, que está
Grudado no seu assento,
Que das taes leis de alto lá
A resolução virá
Do illustrado parlamento!

Que dizes, pae de sendeiros,
Zezinho do coração,
Falto de juizo e dinheiros?
Nem que os senhores caixeiros
Mandassem mais que o patrão!...

Bem sei que tens poucas letras,
Na escripta deitas borrões...
Mas também sei que soletras
E sabes como os penetras
Arranjam as eleições.

Um patusco, que se afoita,
A servir com toda a fé
Quem os votos lhe abiscoita,
E' deputado p'la Moita
Sem nunca lá pôr o pé!

Enterrem-nos bem a choupa,
Fique a nação a apitar
Sem p'osinho para a sopa...
Mas lá mangar com a tropa
E'que não 'stá a calhar!

**Os chronistas e a grippe**

O chronista de Madrid para um dos jornaes de maior tiragem que se publicam em Lisboa, gasta quasi toda uma das suas correspondencias a falar da epidemia da grippe, e conclue assim:

«... Mas, hélas! Também eu pertenço ao grupo niesto dos grippicos com fórma nevralgica aguda, e estes não pôdem, nesta temporada, fazer mais que uma coisa unica: ter paciencia, ou escrever alguma chronica insulsa nos breves intervallos das dôres fortes...»

Pois tenha paciencia!

**Pergunta a sabios**

Em tempos mui deshumanos,
Para que cantasse fino,
Soffria muito menino
O que se faz aos bichanos!
Esses costumes tyrannos,
Graças a Deus, já lá vão;
E sabios mestres dirão
Se a lei que hoje rege a barca
Para um crime d'estes marca
A pena de Talião.

Ha males que vêm por bem

Veio a guerra japonico-russiana,
Ninguem fala em propostas de fazenda;
Deixou-se de gritar o homem da tenda,
O João Franco parou na lida insana.

São lidos os jornaes com toda a gana,
Engole-se o palão, coisa estupenda;
Ninguem se lembra de pagar a renda
Nem de dar com seus fundos em Pantana.

E o famoso senhor Hintze Ribeiro
Rindo das commissões que vêm das hortas,
Sem deixar que da mão fuja o pandeiro!

Bem diz esse rifão de edades mortas,
Que Deus, mesmo sem penna e sem tinteiro,
Sabe escrever direito em linhas tortas!

**Um telegramma e um conceito**

Paris, 19—O *Matin* insere um artigo de fundo em que mette a ridiculo Leopoldo da Belgica, tratando-o de «Rei fim de seculo», e dizendo que tres coisas explicam o mysterio da vida do soberano belga: a vontade, o dinheiro e o desdem.

Os reis dos pequenos paizes são os maiores pandegos do mundo.

**A Tarraxa**

S. Jorge já correu ruas da baixa
Garboso escarranchado em lindo bicho;
E nunca foi a terra, o seu cochicho
Amarrotando em trambolhão de escacha.

Eximio artista de sciencia macha,
Prodigio n'essas eras do rabicho,
Foi esse que a tirou lá do seu nicho
P'ra d'arte velha lhe metter tarraxa.

Pois consta lá nas hortas da Rabicha,
Onde se come e onde melhor se chucha
Quando a algibeira tres tostões abicha...

Que a do patrão, que a todos nos embuxa
Co'o nobre intento de 'espantar a bicha,
E' d'arte nova... e mesmo d'arte bruxa!

**O Corollario**

Na Camara dos Pares, disse um digno par que se o governo se conservava no poder era por que tinha a confiança da Côroa.

Ora isto não prova que o governo mereça confiança.

Prova simplesmente que a confiança da Côroa é illimitada

A flèche humaine e o governo

Monsieur Dutrieu, que foi exhibir no Palacio de Cristal do Porto o seu audacioso trabalho da *Flèche humaine*, foi ali recebido com indescriptivel entusiasmo. E referem os jornaes que, no momento em que Monsieur Dutrieu se largou lá do alto, numerosas se-nhoras tiveram cheliques.

Dizia então um negociante á esposa, que muito se affligira:

— «Não te afflijas, filha... Este homem é como o governo: parece que vae cair, mas afinal não cae... Está tudo muito bem combinado!»

**Canto chão**

Este papa, Pio X,
Da fé acode, aos abalos;
Segundo por ahi se diz,
Vae pôr freio nos badalos.

E quer que na sua egreja
(Tem carradas de razão),
O cantochão sempre seja
Prato do meio christão.

Se o padre santo soubesse
O que vae cá p'los torrões...
Talvez tempo não tivesse
P'ra finfar excomunhões!...

Já ouvi (posso-o jurar)
Um desalmado sineiro,
Alegre, a repenicar
O Pírolito brejeiro!...

Decerto que o papa embucha
Sôbre o seu throno divino,
Se ouve a Maria Caxuxa
Pimpando em toques de sino!

Ha coisa d'uma semana,
Em sitios pouco remotos,
Ouvi a Rosa Tyranna
A convidar os devotos!

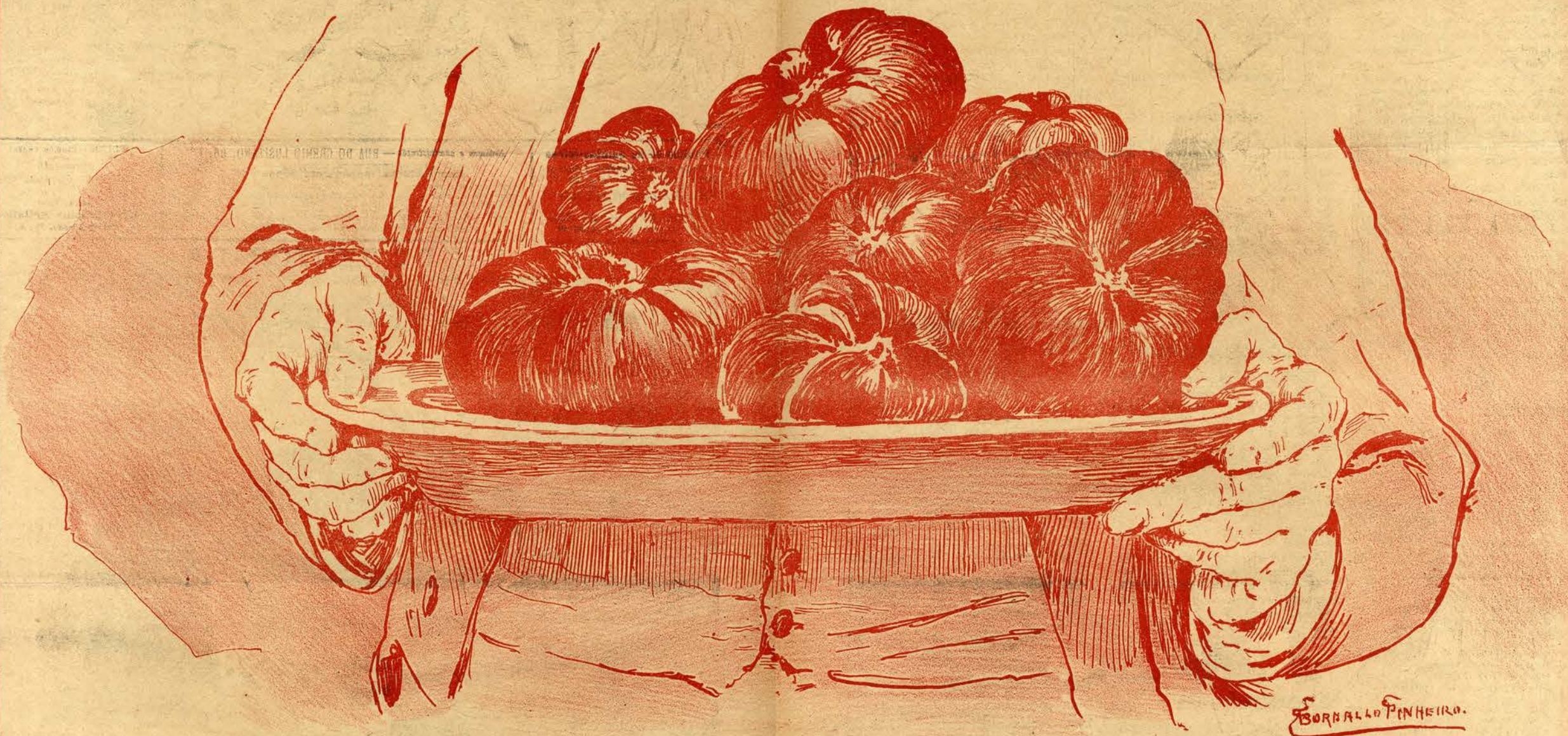
Se Frei José não se rala,
De ouvir, mais d'uma vez só,
Sineiro que se regala,
Nos toques do Ripópó!!!

P'lo cantochão faço voto,
Agrada-me aquelle som:
Além de ser mui devoto,
P'ra fazer somno é bem bom.

Andem roucos, cantam mal
Os santos padres da Sé?!
Pois a Pharmacia Barral
Vende pastilhas Naphét,



COMMENTARIO AO PROTESTO



O verdadeiro prato de resistencia não veio á meza

Creanças-demonios

Ouvindo o papá falar dos viticultores do Douro que vieram a Lisboa em grande commissão afim de pedir aos altos poderes do Estado uma marca official para os vinhos virgens, Cárinhos indaga, com aquella natural e inoffensiva curiosidade dos seus sete annos:

—«O' papá, o que são vinhos virgens?»

—«São vinhos—explica o papá—que nunca provaram aguardente...»

Cárinhos dá-se por satisfeito, e continua a comer a sopa.

O jantar é d'annos, os annos da mamã; e ao jantar vieram tios e primos de variados grãos. Veiu tambem a Tia Angelica, perfeitaça senhora a quem ninguem dará á primeira vista os quarenta annos que já tem. Solteira, e renitente em conservar-se assim.

Ao café, o dono da casa annuncia que vae abrir, em honra do dia, um garrafasinho precioso de aguardente de Andaya, mais velha que os caminhos.

Faz-se um silencio espectral. A rolha salta, o garrafasinho faz a volta da mesa, e quando chega á Tia Angelica, que logo leva o copinho aos labios na ponta de dois dedos, Cárinhos grita lá do seu lugar:

—«O' Tia Angelica, Tia Angelica... Olhe que perde a virgindade!»

**Bravo, seu Zé!**

Se é teimoso em ser eterno
Este governo tão cru,
Direi que o mesmo governo
E' da pell' de Belzebuth.

Todo Portugal o enxota
Como se enxotam gusenos,
Por 'star farto da batota
Que já dura ha tantos annos!

O paiz, farto da espiga,
Taluda cada vez mais,
Sacudiu a panria antiga
De que deu provas cabaes!

Quer impôr economias,
Quer dar ensino nos chuchões...
Que passam dias e dias
Sem vêr as repartições!

Quer que se enxote a matula
D'estes gusenos liberaes...
Que por vezes acumula
Sete empregos, se não mais!

Quer que o que tem pouco parne
E' muito a patria idolatra,
Tambem possa comer carne...
Inda que seja da alcatra!

O lorpa, o bonacheirão
Quer ser firme como a rocha...
Pois já lhe cheira a murrão,
Aturar tanta bambocha!

O Zé deixou de ser lêsma;
Sua coragem foi tanta
Que no meio da quaresma
Fez uma semana santa!

Dois annuncios

Nos jornaes de grande publicidade apparecia ha tempos um annuncio, que dizia assim:

«Uma senhora

offerece-se para indicar gratuitamente a todas as pessoas que soffram de debilidade geral, neurasthenia, prostração, vertigens, anemia, palpitações, exgotamento nervoso, etc, um remedio maravilhoso. Carta a Carmen Garcia»

Agora, apparece um novo annuncio, que diz:

«Outra senhora

offerece-se para indicar gratuitamente a todos os cavalheiros que não soffram de debilidade geral, nem de prostração, nem de vertigens, nem de anemia, nem de palpitações, nem de exgotamento nervoso, etc., uma maneira segura de virem a soffrer de tudo isso para então poderem servir-se do remedio de Carmen Garcia.»

**Moeda falsa e moeda corrente**

Contam os jornaes que José Bento Costa, por alcunha o *Maruncha*, accusado e preso por fabricar moeda falsa, não só declarou ter sido elle, com effeito, o fabricante, mas ainda explicou minuciosamente o modo por que a fabricava. Pediu que lhe mandassem buscar gesso, e ali mesmo, em frente do juiz e de toda a gente que enchia a sala do Tribunal, manipulou uma fôrma de cinco tostões «com um desplante e firmeza inexcusáveis.»

Inexcusáveis, talvez. Mas pelo menos eguaes ás qualidades semelhantes de estadista com que o Sr. Teixeira de Sousa manipula e apresenta as suas propostas de fazenda.

**A Immaculada Conceição**

Xavier de Carvalho, numa das suas correspondencias de França para o *Seculo*, diz:

«As festas que se projectam em Paris por occasião do 50.º anniversario da definição dogmatica da Immaculada Conceição promettem ser esplendidas.»

Fazemos idéa.

Sobretudo em Montmartre!



No Theatro de D. Amelia, num intervallo da ultima recita da tournée Schurmann:

—«O que entendes tu d'este theatro de Maeterlinck, afinal?»

—«Entendo que devia ser mais barato.»

* *

—«V. Ex.^a gostou da Georgette Leblanc?»

—«Muitissimo.»

—«O que achou que ella fizesse melhor?»

—«A *Monna*.»

—«E Darmont?»

—«... O mono!»

* *

—«O que achou V. Ex.^a de mais interessante no Theatro de Maeterlinck?»

—«O *Dialogo do Archer* de Lima.»

* *

—«O que é o *Intruso*, afinal?»

—«O *Intruso* é isto: um cego desconfia de tudo e de todos, do que se diz em voz baixa, do ruido das folhas que caem no jardim, dos passos que ouve na escada, do barulho d'uma janella que se abre; um dia, presente que lhe vae acontecer uma grande desgraça... á meia-noite em ponto abre-se uma porta, entra um vulto, e o cego imagina que é o Mascaró...»

—«E afinal?»

—«Afinal, não é o Mascaró; é o Branco Rodrigues.»

**Parlamentarismo alegre**

Um dia d'estes, após as repetidas sessões tumultuosas que tinha havido na Camara dos Deputados, chegando-se a afirmar que o governo estava na firme proposito de encerrar o parlamento, o Sr. Luiz José Dias, entrando na sala atabalhoadamente, quando já tinha começado a sessão, perguntava a um grupo da minoria:

—«O' meninos, o que é que está dado hoje para desordem do dia?»

Beneficio d'um actor**em beneficio do publico**

A' hora a que o nosso jornal está a sair da machina, como se costuma dizer e é verdade, já poucos bilhetes restam no Theatro da Trindade para a recita que ali realisa hoje, em seu proprio beneficio, o actor Antonio José dos Santos, o Santinhos.

A peça escolhida é o *Hotel do livre cambio*, que é uma especie de Hotel Bragança da gargalhada — como quem diz, o que ha de melhor no genero galhofero.

Quando se trata de um actor, que como o Santinhos, passa todo o inverno em Lisboa a fazer rir a capital, e todo o verão na provincia a fazer rir o resto do paiz, o que equivale a dizer que passa todo o anno a representar em nosso beneficio (pois a boa risota não é senão um beneficio) justo é que, ao menos uma vez em cada volta do anno, elle represente em seu proprio beneficio.

Claro está que nós nunca poderemos chegar a pagar lhe uma tal divida de gratidão — pois que Santinhos é absolutamente impagavel. Mas sempre lhe vamos dando alguma festa por conta...

E' o que acontece hoje, na Trindade.

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes**AVISO AO PUBLICO**

Faz-se publico que desde 1.º de Janeiro de 1904, serão vendidos bilhetes directos de todas as classes, em serviço combinado, entre as linhas do Sul e Sueste e as da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, quer pela via Barreiro-Lisboa, quer pela via Vendas Novas-Setúbal.

Serão igualmente accelladas expedicoes de toda a especie em grande e pequena velocidade por qualquer das duas vias, pelos preços das tarifas geraes ou e peccas mais brutas, applicaveis a cada percurso.

São, entretanto, exceptuados dos transportes pela via Barreiro-Lisboa, os seguintes:

Cães, vehiculos em grande velocidade, transportes fúnebres, toiros, animaes não domesticos, material circulante, retorno de taras vasias, mercadorias a granel volumes de peso até 10 kilos expedidos pelas tarifas n.º 8 de grande velocidade de ambas as Administracoes e todos e quaisquer transportes de ou para o Regal de Cascaes.

O. D. G. da Companhia Chapuy

«PARODIA—COMEDIA PORTUGUEZA»

O 1.º volume encadernado com a capa especial

Preço 2\$500 réis

Capa para encadernação do 1.º volume

Preço 700 réis

A Administracão encarrega-se de mandar encadernar o volume pela quantia de 200 réis.

Os pedidos de volume devem vir acompanhados de 200 réis; e os de capas de 40 réis para porte do correio.

PASTELARIA TABOENSE

55, Rua de D. Pedro V, 59

254, Rua da Rosa, 266

AMENDOA

DE

TODAS AS QUALIDADES

Fabrico especial d'esta casa

Amendoa nacional e estrangeira

AMENDOA SÓ DE ASSUCAR

A melhor que se vende em Lisboa, podemos garantir

Pacotes de meio kilo, fina... 200 rs.
Pacotes de 250 gram., fina... 400 rs.



Rabugento

Quem comprar 500 grammas de amendoadas, recebe uma senha numerada que joga com a segunda loteria do mez de abril, — e quem apresentar a senha com o numero em que saiu a sorte grande — recebe como brinde um lindo boneco movimentado que dá pelo nome de — **Rabugento**.

Pastelaria Taboense

55, Rua de D. Pedro V, 59

LISBOA

**ENCADERNAÇÃO**

Simple e de luxo, cartonagens, donrados em fitas para coras e em toda a qualidade de pelles. Casa premiada em diversas exposições.

Paulino Ferreira

126, Rua Nova da Trindade, 132

JOIAS

ANTIGAS ou modernas, ouro, prata, castellas do Monte-Pio Geral, compra-se rua do Ouro, 250.

Ourivesaria e Relojoaria

com officina annexa

de fabrico e

concertos



FLORINDO

Joias

com brilhantes

Preços limitadissimos

99, RUA AUREA, 99

CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL

Gaston Piel

Das 9 da manhã ás 5 da tarde

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16

POR 600 RÉIS**Ser photographo!**

Apparelio completo com accessorios, livro explicativo ao alcance de qualquer tirar retratos, por 600 réis, provincia 650 réis.

Pedir catalogos illustrados. Capas para a encadernação d'rod Parodia, 1.º, 2.º e 3.º anno. Empaste 200 réis.

Alves & Ferreira

220, Rua Augusta, 222



JOSÉ CLEMENTE

51—Rua da Escola Polytechnica—55

Maëterlink na politica portuguesa



Aglaivaine et Selyzette